

ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: REVISITAÇÃO EPISTEMOLÓGICA E QUESTÕES CENTRAIS

Daiana Oliveira Faria¹

Lucília Maria Sousa Romão²

Neste ensaio, propomos uma abordagem crítica de três textos cruciais para uma reflexão teórico-epistemológica sobre a Análise do Discurso francesa, proposta por Michel Pêcheux, todos eles serão explorados ao longo da nossa argumentação. No primeiro, “A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem e discurso”, escrito por Pêcheux em co-autoria com Haroche e Henry, datado de 1971, os autores propõem um diálogo com Saussure, um dos principais teóricos que deu à linguagem estatuto científico, fundamentando os campos da fonologia, sintaxe, morfologia e semântica, sendo que é nesta última que Pêcheux encontra uma abertura para propor os estudos dos sentidos.

A este respeito, os autores afirmam que “para os gramáticos e neo-gramáticos, a semântica estava reduzida ao estudo da mudança de sentido das palavras” (PÊCHEUX, *et al*, 2008, p. 02). Neste momento, o que se referia a “sentido”, nos estudos da linguagem, não passava de uma noção de valor das palavras, ou seja, uma palavra vale aquilo que outras ao seu redor não valem. Tal relação de valor entre as palavras e a concepção de significação das palavras por elas próprias pode ser observada na citação a seguir: “as unidades [as palavras] existem somente pela coesão do sistema das oposições e das relações”, o que “[...] estrutura permanentemente o sistema das unidades significantes que só podem se manter por elas” (idem, p.03).

Num simples exemplo, Pêcheux coloca em cheque essa concepção acerca do sentido das palavras proposta pela semântica, como podemos ver a seguir:

¹ Bacharel em Ciências da Informação e Documentação. Mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP / USP. Bolsista FAPESP – Processo N° 2010/02598-2. Membro do e-l@dis – FAPESP N° 2010-510290. daianafaria@pg.ffclrp.usp.br

² Livre-docente em Ciência da Informação. Profa. Dra. do curso de Graduação em Ciências da Informação e da Documentação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – FFCLRP/USP. Profa. colaboradora do Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade – UFSCar. Bolsista CNPQ. Coordenadora do Laboratório Discursivo E-l@dis – FAPESP 2010-510290.

Ora, se considerarmos, por exemplo, o domínio da política e da produção científica, constataremos que as palavras podem mudar de sentido segundo as posições determinadas por aqueles que as empregam. [...] Com efeito, é um indício que mostra que as coisas não são assim tão simples quanto faria supor a idéia de uma diferenciação em subsistemas. Tudo se passa como se a correspondência entre teoria geral e estudo particular de uma dada língua desaparecesse no nível semântico (PÊCHEUX, et all, 2008, p.05).

Ou seja, somos alertados para o risco de não haver uma correspondência entre a teoria geral representada, no caso, pelo Curso de Linguística Geral tal como foi publicado em sua primeira versão pelos editores, e os estudos particulares de determinadas línguas em funcionamento. Pelo que propõe os autores, é como se as particularidades da linguagem em funcionamento desaparecessem no nível semântico. Como podemos ver na citação a seguir:

Certamente, “semânticas gerais” foram propostas, mas elas não fornecem quase nada de princípios que permitam depreender as particularidades das línguas, ou dos estados de língua, etc, como é o caso da fonologia, da morfologia ou da sintaxe. Existem, por outro lado, descrições semânticas de diversas línguas, mas são descrições que permanecem sem ligação com as teorias. Se elas permanecem em grande parte desligadas de descrições concretas das línguas, as semânticas gerais nem por isso se libertam de todos “dados concretos” (idem, p.05 e 06).

Assim, vemos no decorrer desse escrito, uma análise detalhada e crítica dos pressupostos saussurianos. Análise, esta, que reconhece as contribuições do Curso de Linguística Geral e, ao mesmo tempo, encontra lacunas e abertura para os estudos das variações de sentidos, um dos

objetivos do projeto da Análise do Discurso, fundada por Pêcheux. Reconhece-se que os intentos em semântica iniciaram o estudo dos sentidos, porém fixaram tal hipótese, a da variação dos sentidos, em uma teoria geral.

A este respeito, os autores colocam que “o caso é totalmente diferente para a semântica. Com efeito, o laço que une as ‘significações’ de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX, et all, 2008, p.06). Ou seja, vemos que os autores propunham que os contextos sócio-históricos são constitutivos da linguagem, intrinsecamente relacionados. Isso é incorporado pela teoria de Análise do Discurso e formalizado por seus fundadores com o conceito de “condições de produções”. Por condições de produção, entendemos o contexto da situação de enunciação, ou seja, os aspectos sociais, históricos e ideológicos que irrompem no cenário da produção do discurso e representam elementos constitutivos deste. E atravessado por estes elementos, há a inscrição do sujeito do discurso, também cindido e suscetível de tornar-se outro no mais simples movimento entre regiões de sentidos, as chamadas formações discursivas (FDs), que consistem em regularidades entre enunciados, ou seja, na partilha de alguns sentidos em comum.

Como vemos, as FDs estão estreitamente relacionadas com as condições de produção, além de se relacionarem também com o ideológico, concebido na AD enquanto formações ideológicas. Acerca desta, podemos dizer que se trata, segundo Pêcheux, do complexo do que pode e deve ser dito dentro de uma posição, ou seja, o que possibilita ao sujeito inscrever-se em uma dada formação discursiva e não em outra (PÊCHEUX, 1969). Tendo em vista o processo de interpelação ideológica, podemos pensar em formação discursiva enquanto a projeção, na linguagem, ou seja, a materialização lingüística das formações ideológicas que determinam o que pode e deve ser dito dentro de uma formação social. E assim, podemos apreender que a formação social, diretamente relacionada com as condições de produção, representa o contexto sócio-histórico das formações discursivas. Nesse sentido, segundo Pêcheux, “as palavras, expressões, recebem seus sentidos da formação discursiva à qual pertencem” (Pêcheux, 1998, p. 263), sendo assim

os indivíduos interpelados em sujeitos falantes (em sujeitos de seu discurso) por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes. [...] a

interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (PÊCHEUX, 1997, p.214).

Com isso, além dos aspectos sócio-históricos, vemos que o inconsciente e ideológico também são traços constitutivos da linguagem. Ainda acerca deste primeiro texto, cabe ressaltar a aproximação e fortuita contribuição da linguística para a Análise do Discurso. Nas palavras dos autores, vale

destacar a importância dos estudos lingüísticos sobre a relação enunciado/enunciação, pela qual “o sujeito falante” toma posição em relação às representações de que ele é o suporte, desde que essas representações se encontrem realizadas por um “pré-construído” lingüisticamente analisável. É sem dúvida por essa questão, ligada à da sintagmatização das substituições características de uma formação discursiva, que a contribuição da teoria do discurso ao estudo das formações ideológicas (e à teoria das ideologias) pode atualmente se desenvolver mais proveitosamente (PÊCHEUX, et all, 2008, p. 15).

Sendo um dos três pilares estruturantes da Análise do Discurso (lingüística, materialismo histórico e o inconsciente freud-laciano), a linguística representa a base necessária para o exercício de análise discursiva . Como vimos, esta base linguística é necessária, mas deve ser pensada na sua relação com a história, o ideológico e o inconsciente, fatores estes que constituem a linguagem em funcionamento. Ou seja, vemos com este texto de Pêcheux (et all) como se deu o deslocamento da teoria de Análise do Discurso pêchetiana em relação ao estruturalismo da lingüística saussuriana, ou seja, como a língua como objeto científico dá suporte à conceituação das noções de sujeito e sentido em movimento, tão valiosas para a teoria discursiva.

“(...) o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções

nas quais essas palavras se combinam, na medida em que determinam a significação que tomam essas palavras: como apontávamos no começo, as palavras mudam de sentido segundo as posições ocupadas por aqueles que as empregam. Podemos agora deixar claro: as palavras ‘mudam de sentido’ ao passar de uma formação discursiva a outra.” (idem, p. 26)

Assim, Pêcheux sublinha o grande mérito do genebrino nos seguintes termos: “Em resumo, não é a significação propriamente que dirá o que está em causa (...) mas aquilo que Saussure designava de valor” (idem, p.22). Considerando que as palavras valem e significam em relação às outras que, ao seu lado, estão presentes e ausentes, Pêcheux conceitua o discurso como jogo instável e como efeitos de sentidos em permanente fluxo na trama de sujeitos.

Partindo da lingüística e propondo um deslocamento, o projeto da AD foi desde seu início uma concatenação e, a partir daí, uma construção que envolvia várias áreas do conhecimento. No texto “Sobre os Contextos Epistemológicos da Análise do Discurso”, datado de 1984, Pêcheux salienta esta relação da AD com outras áreas do conhecimento, seja esta relação concebida enquanto ruptura, deslocamento ou aproximação e complementação. Pêcheux inicia esse escrito sublinhando o encontro de três grandes saberes que sustentam as articulações teórico-analíticas da teoria discursiva, quais sejam, o trabalho de linguistas, historiadores e alguns psicólogos.

A década de 60 deu colo e berço para entremeios, pois “formou amplamente a base concreta, transdisciplinar de um encontro – atravessado de confrontos muitas vezes bastante vivos [...] – sobre a questão da construção de uma aproximação discursiva dos processos ideológicos” (Pêcheux, 1999, p.07). Assim, o autor argumenta que esses campos de saber – Lingüística, Ciências Sociais e Psicologia (leia-se mais adiante Psicanálise) – contribuíram para a pensar e analisar a trama de “lutas políticas, dos funcionamentos, e dis-funcionamentos institucionais, de debates e confrontos de toda ordem.” (idem). Ou seja, vemos que Pêcheux inicia salientando que o projeto da Análise de Discurso é, desde 1965, um trabalho feito por lingüistas, referindo-se ao distribucionalismo harrissiano, mas também por historiadores e psicólogos especialistas em psicologia social, ressaltando que acerca destes últimos representam uma ruptura com a referida disciplina, a psicologia.

Se em relação à psicologia, a AD representa uma ruptura no modo de abordagem do funcionamento da linguagem, em relação à história a AD encontra uma abertura, sobretudo a partir dos trabalhos em história social. Neste campo, a AD encontra brecha na medida em que a abordagem sobre os textos se dá de modo a questionar a suposta transparência da linguagem. Sobre essa fortuita aproximação entre a Análise de Discurso e a História, Pêcheux coloca a seguinte reflexão: “juntar e interpretar séries textuais em que se inscrevem discursivamente as figuras da infância, da loucura, da morte ou da sexualidade, próprias a esta ou aquela época, supunha abandonar as certezas associadas ao enunciado documental.” (PÊCHEUX, 1999, p. 08). Ao traçar um percurso histórico da Análise de Discurso, visando uma fundamentação do contexto epistemológico desta disciplina, Pêcheux remonta-se aos trabalhos de Michel Foucault, fundamental nessa fundamentação. Acerca da influência de Foucault para a AD francesa, é feita a seguinte referência:

[...] a necessidade de levar em conta, na análise das discursividades, as posições teóricas e práticas de leitura desenvolvidas nos trabalhos de M. Foucault constituiu um dos signos recentes dos mais claros da projeção da análise de discurso: a construção teórica da intertextualidade e, de maneira mais geral, do interdiscurso, apareceu como um dos pontos cruciais desse empreendimento, conduzindo a análise de discurso a se distanciar ainda mais de uma concepção classificatória que dava aos discursos escritos oficiais “legitimados” um privilégio que se mostra cada vez mais contestável (PÊCHEUX, 1999, p. 09).

Ou seja, a partir dessa referência aos trabalhos de Foucault, constatamos que as noções de intertextualidade e interdiscurso, capilares para a teoria de Análise do Discurso tal como a temos hoje, foram fundamentadas a partir dos pressupostos foucaultianos, a princípio. Sobre a primeira, a noção de intertextualidade, podemos dizer que não diz respeito a um conceito próprio da AD, mas está relacionada com a noção de interdiscurso, própria da AD. A respeito desta, cabe a colocação:

Compreende o conjunto das formações discursivas e se inscreve no nível da constituição do discurso, na medida em que trabalha com a re-significação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, determinando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma formação discursiva. O interdiscurso determina materialmente o efeito de encadeamento e articulação de tal modo que aparece como o puro "já-dito" (FERREIRA, 2001, p.06).

Depois de colocados alguns fundamentos acerca da relação da Análise do Discurso com a psicologia (ruptura no campo da psicologia social), a história (possibilidades no campo da história social) e com os estudos da linguagem (referindo-se aos trabalhos de Foucault), Pêcheux propõe, então, uma aproximação entre língua, história e inconsciente. Nas palavras do autor,

No espaço desse mito psicológico, a história não é outra coisa do que a resultante de uma série de situações de interações, reais ou simbólicas, a língua não é outra coisa que uma (fraca) porção dessas interações simbólicas, e o inconsciente não é outra coisa que a não-consciência afetando negativamente este ou aquele setor da atividade do sujeito, em função das determinações biológicas e/ou sociais mencionados nesse instante (PÊCHEUX, 1999, p. 12).

Com isso vemos que a língua representa parte das situações de interações simbólicas a partir das quais, e dentre outras, a história é fundada. Ou seja, existe uma estreita relação entre língua e história, relação esta, também dentre outras, fundante da teoria de Análise do Discurso. A este respeito, sabemos que as palavras carregam consigo memória, no âmbito do discurso, memória discursiva, além de serem afetadas pelo contexto social, histórico e ideológico, onde vemos também a relação com o inconsciente. Pêcheux coloca que este atua negativamente nas atividades do sujeito, ou seja, existe uma interpelação ideológica que se dá no nível da não-consciência e provoca rupturas ou re-afirmações nas posições que o sujeito ocupa, inconscientemente, para poder enunciar. Tais posições-sujeito representam um conceito

fundamental da AD, que é o conceito de sujeito, já dito anteriormente, exemplificado por Pêcheux a seguir:

[...] representações que vêm a mente de todo sujeito humano “normal” – ou ao menos de todo ocidental: viajante de comércio, diplomata, empregada, militar, mulher do mundo, capuchinho ou torneiro, desde que ele é levado, por esta ou aquela via, a produzir sua epistemologia espontânea da ação humana (PÊCHEUX, 1999, p. 09).

Além disso, o conceito de sujeito diz que, apesar destas representações insurgirem num jogo parafrástico da linguagem, rupturas e deslizos ocorrem, dado o mecanismo de interpelação ideológica explanado à pouco. Com isso é possível um viajante de comércio, por exemplo, enunciar como um diplomata, ou seja, migrações entre as mais diversas posições–sujeito ocorrem a todo o momento com o funcionamento da linguagem. A este respeito, Pêcheux coloca a seguinte reflexão:

Simultaneamente, todo sujeito, viajante de comércio, diplomata, empregada... ou universitário, experimenta em sua vida (em seus gestos e palavras as mais cotidianas até seus encontros os mais dramáticos consigo mesmo) como, para ele, esse domínio tropeça. Nessa experiência singular da falha (fracasso, bem-estar...) se marca a tomada inconsciente pela qual o sujeito está submetido à castração simbólica (idem, p. 13).

E com esta citação vemos que uma das hipóteses centrais da Análise do Discurso é corroborada, a de que o sujeito, entendido enquanto uma posição no discurso, experiencia, com a linguagem em funcionamento, a falha, e coloca em cheque toda obviedade e clareza que a linguagem possa incitar.

Ainda pensando no contexto epistemológico da Análise do Discurso, bem como nas suas questões teóricas centrais, recorreremos ao escrito de Ana Zandwais, “Perspectivas da análise do

discurso fundada por Michel Pêcheux na França: uma retomada de percurso”, datado de 2009, que propõe, como o próprio título já assinala, uma retomada dos fundamentos que estruturaram a teoria de AD. Se no primeiro texto, vemos a fundamentação da base lingüística da teoria de AD, neste podemos ver os aspectos da teoria marxista também constituinte da AD, além de uma explanação sobre a articulação da AD com as demais áreas do conhecimento.

Ao fundar a noção de discurso, ainda assinando sua obra como Thomas Herbert, pseudônimo de Michel Pêcheux (1969), busca “desalojar o campo das Ciências Sociais de um estatuto positivista, em que a ciência se reduz a uma ciência dos fatos tomados fora de qualquer contexto histórico”, inscrevendo-o “nos domínios do humanismo, onde questões sobre subjetividade, ideologia, confrontos e lutas de classes ocupam lugares essenciais.” (ZANDWAIS, 2009, p.15). Nesse trabalho, Pêcheux depara-se com a questão da ideologia “ainda preso a uma concepção (...) que se presentifica em “A ideologia Alemã” (idem, p. 16); debaixo do guarda-chuva de pesquisas de Althusser, no âmbito da Teoria Geral das Ideologias, Pêcheux formula a importância desse conceito para a formação de uma ciência das formações sociais em que pese a compreensão da inscrição sócio-histórica da linguagem.

Vejamos alguns pontos da história tocados por Zandwais³ e suas reflexões: 1966: É publicado um dos primeiros escritos de Pêcheux, na *Les Cahiers Pour l'Analyse*, intitulado “Reflexões sobre a situação teórica das ciências sociais e especialmente da psicologia social”. Zandwais ressalta que este escrito é disseminado sob um pseudônimo de Pêcheux, qual seja: Thomas Hebert. Neste artigo, Pêcheux traz a tona reflexões mais voltadas para questões epistemológicas.

questiona o modo como as Ciências Sociais, que deveriam debruçar-se, de forma permanente, sobre “questões de fronteira”, dialogando com outras áreas de conhecimento, interagem com a teoria – sobretudo a Filosofia – de modo a legitimar uma concepção de ciência neutra (id., p. 142) e, em consequência, cega às relações de desigualdade social que permeiam as condições de produção das

³ Encontra-se disponível uma lista da obra de Michel Pêcheux, organizada pelos pesquisadores do e-l@dis: laboratório discurso – sujeito, rede eletrônica e sentidos em movimento, no sítio:
< <http://dfm.ffclrp.usp.br/eladis/>>

práticas teóricas, técnicas, políticas, sociais, ideológicas, etc.
(ZANDWAIS, 2009, p. 14)

1967: Ainda sob o pseudônimo de Thomas Hebert, Pêcheux publica o texto intitulado “Teoria geral das ideologias”. Neste, a relação sujeito, ideologia e sentido é posta ainda de maneira incipiente.

1969: Neste momento há a publicação do peculiar texto intitulado “Análise Automática do Discurso” (AAD 69), crucial na trajetória de Pêcheux. Com esta publicação vemos uma teoria insurgir com certa autonomia que lhe é merecida no campo da lingüística. Pode-se dizer que o AAD é o laboratório da teoria de Análise do Discurso. Neste, Pêcheux incita discussões importantes sobre a base lingüística, necessária ao discurso, e o processo discursivo. Nas palavras da autora, ele busca mostrar que “língua e discurso tem materialidades distintas” (ZANDWAIS, 2009, p.22).

1975: Ano de publicação do “Semântica e Discurso”, que representa o estágio mais maduro e fortalecido da teoria fundada por Pêcheux.

Podemos dizer que em fins dos anos 70 e começo da década de 80, Pêcheux lança-se a outros pontos de partidas para a teoria e fundamenta, com suas reflexões, a ponte entre ideologia, discurso e subjetividade. Vemos neste momento da leitura do texto de Zandwais, uma explanação bastante elucidativa da intrínseca relação entre os conceitos de formação social (FS), formação ideológica (FI) e formação discursiva (FD). O funcionamento destes três conceitos da AD representa a

conversão do indivíduo em sujeito pela interpelação (captura) deste como sujeito de uma formação social, e que se reconhece como sujeito pelas práticas que o interpelam no interior das formações ideológicas, as quais se referendam através de uma ou outra formação discursiva a que estão ligadas. (ZANDWAIS, 2009, p. 25)

A autora também faz, nesta altura, outra importante colocação acerca da teoria de Análise do Discurso, concebendo-a como a “teoria da determinação histórica dos processos semânticos” (ZANDWAIS, 2009, p. 26). E ao falar de história, é feita a distinção devida: “uma história não linear,

não homogênea, não contínua no centro dos processos de significação que são produzidos pelos discursos em determinadas condições de produção” (idem).

O percurso aqui traçado por Pêcheux e seus sucessores abre espaço para uma revisão teórica e conceitual de extrema importância, visto que outros olhares sobre o momento de fundação da AD e seus desdobramentos são construídos.

Referências Bibliográficas

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul; HAROCHE, Claudine. A Semântica e o Corte Saussuriano: língua, linguagem e discurso. **Linguagem**: Revista eletrônica de popularização científica em ciências da linguagem, São Carlos, n. 03, p.01–19, out/nov. 2008. Bimestral. Tradução de Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. Disponível em:

<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao_hph.php>. Acesso em: 22 ago. 2011.

_____. Análise automática do discurso (AAD-69). In GADET, F. e HAK, T. (org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução às obras de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. (título original: *Analyse Automatique du Discours*. Paris, 1969).

_____. Contextos epistemológicos da análise de discurso. **Escritos**: linguagem, cidade, política, sociedade, Campinas, n. 4, p.07–16, maio 1999. Tradução de Eni Orlandi (Labeurb/Nudecri).

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. Tradução de Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi [et al.].

ZANDWAIS, Ana. **Perspectivas da análise do discurso fundada por Michel Pêcheux na França**: uma retomada de percurso. Santa Maria: UFSM, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2009.